

CAPÍTULO XXVI

O TUPI QUE VOCÊ CANTA: *RITMO, FALA E CAMINHOS INTERDISCIPLINARES*

Olga Alves de Oliveira¹
Nadja Mendonça Lyra Santos²

¹Escola Municipal Lions Tambaú - João Pessoa, Paraíba, Brasil; olgaalvez@gmail.com

²Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro - João Pessoa, Paraíba, Brasil; nlyrasantos@gmail.com

Introdução

Se há um espaço curricular no qual a cultura brasileira pode ser um dos principais temas a serem trabalhados pedagogicamente, este espaço é o componente Arte. Essa indicação está presente, inclusive, em nossa principal legislação educacional – a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9.394/1996, na qual a Arte é especialmente mencionada com esse fim juntamente com as áreas de português e de história¹. O documento curricular que orienta a rede municipal de João Pessoa, a Matriz Curricular Ensino Fundamental Anos Iniciais Arte (2024, p. 12-13), também traz a necessidade de trabalhar o patrimônio cultural, especialmente o brasileiro, em “suas matrizes indígenas, africanas e europeias”. Assim, este capítulo trata de experiência didática realizada em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que tem como tema central a cultura indígena e sua contribuição para a construção de nossa língua.

Algo que também gostaríamos de destacar é que essa atividade foi realizada a

¹O artigo 26-A da referida lei trata da obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena, trazendo o adendo no parágrafo 2º que tais conteúdos serão especialmente ministrados nas áreas das artes (o texto se refere à “educação artística”), da literatura e história brasileira (Brasil, 1996).

partir de vivências na formação continuada da rede municipal de João Pessoa no ano de 2025 para o componente curricular Arte. Como afirmam Canen e Xavier (2011, p. 641), a formação inicial e continuada dos professores é um espaço privilegiado para a criação e implementação de propostas que trazem a diversidade cultural como foco pedagógico. Em um dos encontros formativos, foi proposto, justamente, que fizéssemos atividades práticas sobre a cultura indígena, como forma de fomentar a temática em nossas aulas e instrumentalizar os professores para tal. Desse modo, foram-nos sugeridos diversos livros para trabalhar a cultura indígena, sendo um deles chamado “O tupi que você fala”, de Claudio Fragata e ilustrado por Mauricio Negro. O livro, de uma forma lúdica e visualmente cativante, faz um apanhado de palavras que foram incorporadas à língua portuguesa, mas que têm origem tupi. É nesse livro que esta proposta pedagógica se inspira e do qual parte.

Por meio da leitura do livro, estruturamos uma experiência didática inicialmente pensada apenas para a área da música, que foi, inclusive, apresentada para os demais colegas no espaço da Formação Continuada. No desenvolvimento das atividades em nossas escolas, decidimos trilhar também caminhos interdisciplinares, incluindo a elaboração de um Dicionário Ilustrativo de Tupi. A essa altura, é importante destacar que, desde a Resolução 009/2006, o componente curricular Arte na rede municipal pessoense é ocupado respeitando as áreas das artes (artes visuais, dança, música e teatro), algo que antecipou em quase dez anos modificações na LDBEN 9.394/1996 pela Lei 13.278/2016, que especificou as áreas que fazem parte do componente Arte. Então, quando citamos a interdisciplinaridade, estamos nos referindo às intercomunicações que, tendo nossas especificidades como foco, existem entre as áreas. Tal adendo é necessário para que não seja confundida a interdisciplinaridade com práticas polivalentes nas artes, algo que nosso passado já mostrou não funcionar bem.

Desse modo, essa experiência tem como base as propostas pedagógicas do educador musical Carl Orff, que tem a fala e a linguagem como importantes elementos para a musicalização. Segundo Penna (2010, p. 209), as ideias pedagógicas de Orff estão baseadas na tríade “música/movimento/fala”, a “música elementar”, algo que estaria “naturalmente” presente no universo infantil. Assim, “os nomes próprios, as rimas, as canções infantis e os poemas encontram-se na base de padrões rítmicos,

improvisações melódicas e atividades corporais, constituindo o ponto de partida para pequenas células rítmicas” (Bona, 2011, p. 140). Uma das grandes contribuições de Orff para a área da educação musical está nessa valorização da fala como recurso na aprendizagem, na relação entre a linguagem falada e a linguagem musical (Penna, 2010, p. 210). No entanto, sendo um autor pertencente à primeira geração de educadores musicais, de princípios do século XX, a necessidade de relacionar o método a discussões mais atuais é fundamental². Desse modo, a cultura indígena como material para ser trabalhado nas aulas de música utilizando os preceitos de Orff é uma relação possível e necessária, que visa transpor possíveis limitações diante das demandas atuais pelo respeito a saberes que foram historicamente invisibilizados.

Reconhecer nossas raízes culturais indígenas foi um dos objetivos pretendidos por essa experiência pedagógica, para além da vivência rítmica por meio da fala e da percussão corporal. A vivência musical por meio do vocabulário tupi encontrado em nossa língua faz com que se abram possibilidades de conhecer a riqueza dos povos tradicionais que formam a cultura brasileira. Os outros objetivos dessa atividade foram fazer com que os alunos, no final da atividade: vivenciassem inícios musicais téticos (cabeça do tempo forte do compasso) e anacrústicos (parte de apoio do tempo); compreendessem, por meio da experiência, formas musicais; elaborassem um Dicionário Ilustrado de Tupi como produto final da aprendizagem.

Música e linguagem: trabalhando o ritmo por meio da fala

Esta experiência foi realizada com turmas do 3º ano do Ensino Fundamental, ao longo de quatro aulas, e levou cerca de 30 a 50 minutos. Nessas turmas, foram feitas anteriormente atividades de vivência da pulsação métrica, bem como de reprodução de células rítmicas simples por meio da percussão corporal. Assim, o trabalho com a percussão corporal e fala ritmada era algo já presente nas experiências de aprendizagem

²A primeira geração de educadores musicais, que, além de Orff, fazem parte autores como Dalcroze, Willems, Kodály e Suzuki, lançou as bases dos métodos ativos no ensino da música na primeira parte do século XX (Fonterrada, 2008, p. 122). Apesar de revolucionarem o ensino tradicional de música ao trazer a experiência musical do estudante como foco das práticas pedagógicas, o material musical utilizado pela primeira geração era majoritariamente a música erudita ou a música folclórica ocidental, como aponta Fonterrada (2008, p. 178).

desses alunos, sendo, dessa forma, um pré-requisito para que a atividade tenha sido realizada de uma forma mais fluida.

A leitura do livro foi realizada na primeira aula, sendo conduzida de forma que os alunos estivessem atentos ao que acontecia em cada página. Perguntas para direcionar a atenção para as palavras (“vocês sabem o que significa jacaré em tupi?”) ou para as gravuras do livro (“vocês conseguem localizar as palavras faladas na página anterior nessa imagem?”, “como será que foi feita essa pintura?”) foram formas encontradas para tal. Depois da leitura do livro e das (muitas) perguntas e comentários sobre as palavras feitas pelos alunos, foi pedido para que eles ficassem em círculo para serem apresentadas as palavras que iríamos trabalhar. Os grupos de palavras apresentadas foram “paçoca, pitanga” e “pipoca, amendoim, abacaxi”. Nesse primeiro momento, toda turma repetiu os dois grupos de palavras. Foi pedido também para que os alunos andassem e repetissem as palavras com variação de andamentos e registros de altura (mais grave, mais agudo).

Na segunda aula, depois de retomar o livro e relembrar o que havíamos trabalhado, a turma foi dividida pela metade e cada grupo foi apresentado ao cartão, às palavras e à percussão corporal que iam repetir. A percussão corporal do primeiro grupo foi realizada por pés e o do segundo grupo foi realizado com a mão percutindo o ritmo na coxa, sendo que a indicação era marcar uma sílaba para cada “batida”. Conforme defende Penna (2010, p. 211-212), a percussão corporal “é um meio privilegiado para a capacitação rítmica, pois produz som, imagens corporais e espaciais, além de forte sensação tátil”. Dessa forma, o ritmo e a fala foram ensinadas ao mesmo tempo, porque é a fala que dá o ritmo da percussão corporal.

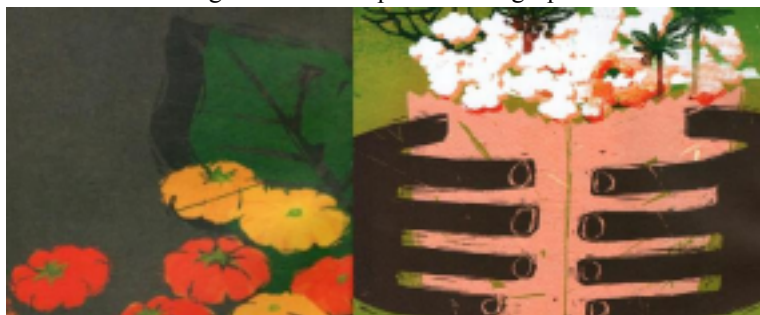
Figura 1. Ritmo com percussão corporal de cada grupo.



Fonte: elaborado pelas autoras.

Já quanto ao uso da imagem para conduzir a execução dos alunos, tal recurso foi utilizado para facilitar que os grupos mantivessem seu ritmo e sua fala na entrada do outro grupo (quando os dois grupos falam e realizam a percussão corporal concomitantemente), o que é algo difícil para crianças dessa faixa-etária realizarem, pois elas normalmente querem imitar o que o outro grupo está realizando. Assim, algumas tentativas foram realizadas para que os alunos conseguissem manter as falas e a percussão corporal de seu grupo por certo tempo, sendo que algo que estimulou a concentração foi o fato de que gravações em áudio (por celular) foram realizadas para posterior apreciação deles. A gravação, algo estimulado por outro educador musical chamado John Paynter (Mateiro, 2011, p. 264), é uma forma de fazer com que os próprios alunos avaliem o que foi realizado, além de dar uma roupagem de “obra musical” à experiência deles.

Figura 2. Cartões para os dois grupos.



Fonte: Fragata (2008).

Na terceira aula e na quarta aula, depois de retomar os cartões, as palavras e a percussão corporal realizada por cada grupo, foi apresentado um novo desafio: formar uma estrutura para a obra musical. Assim, a estrutura foi definida da seguinte forma: primeiro os grupos falavam as palavras, depois os grupos falavam e faziam a percussão corporal e, por fim, faziam só a percussão corporal. Só depois de fazermos algumas vezes de forma separada (quando um grupo terminava o outro começava) é que juntamos os dois grupos. No final, quando se escuta o som resultante dos dois grupos sobrepondo a percussão corporal, é realmente uma experiência auditiva interessante de se ter e os alunos apreciaram bastante esse momento.

Caminhos para interdisciplinaridade: a criação de um Dicionário Ilustrado de Tupi

Como uma forma de tornar ainda mais rica essa experiência, vimos que era possível interligar com outras áreas. Pensamos, dessa forma, no desenvolvimento de um Dicionário Ilustrado de Tupi, que se comunica tanto com a área das artes visuais quanto de português, podendo ter o auxílio da professora polivalente da turma³. Primeiramente, uma exploração das palavras que já estão presentes no livro indicou alguns caminhos para serem tomados nesse registro inicial, ao fornecer mais nomes de frutas e de animais de origem indígena. A apreciação da música “Tupi”, do compositor Hélio Zizkind⁴, também foi uma outra fonte que ofereceu muitas palavras de origem tupi-guarani para que os alunos pudessem depois utilizar como base do Dicionário. Na música, além de nomes em tupi de frutas e animais, há também referências a nomes de estados e cidades.

Figura 3. Alunos confeccionando o Dicionário Ilustrado.



Fonte: Acervo pessoal.

Acreditamos ser importante também apresentar fontes visuais, com formas de desenhar, com a utilização de cores, para que os alunos tenham outras referências na

³Há diversas formas de nos referirmos às professoras pedagogas que lecionam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como aponta Penna e Sobreira (2022), termos como “professora regente”, “professora de referência”, “generalista” etc. Aqui na Paraíba, o termo mais comum é “professora polivalente”, por isso iremos utilizar esse termo.

⁴A música de Helio Zizkind está disponível em plataformas de áudios e de vídeos mais comuns, como Spotify e Youtube, sendo fácil encontrá-la colocando informações como título da música e compositor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vbdCtq3nkO0>. Acesso em: 28 jul. 2025.

hora de elaborarem seus desenhos. Nesse sentido, trazer diversos estilos de pinturas⁵ (naturalista, expressionista, surrealista, *pop art*...) sobre animais, frutas e paisagem, por exemplo, é uma forma de fazer com que os alunos consigam, a partir disso, criarem suas próprias ilustrações. Outra ação importante foi apresentar artistas visuais indígenas, como Ibã Huni Kuin (Isaías Sales) e Denilson Baniwa⁶, pois eles retratam, cada um à sua maneira, a cultura de seu povo de uma forma endógena e única.

A criação desse Dicionário Ilustrado de Tupi foi realizada por grupos, os quais ficaram responsáveis pela ilustração e pequenas descrições dos animais de acordo com determinadas letras do alfabeto. E assim, ao longo de três aulas (uma para pesquisa e escolha das palavras, mais duas para o desenho e o texto), pudemos ter como produto dessa experiência um pequeno Dicionário de Tupi da turma, que teve bastante engajamento dos alunos e que reuniu a interdisciplinaridade com as áreas de português e artes visuais.

Figura 4. Imagens do Dicionário Ilustrado de Tupi.



Fonte: Arquivo fotográfico próprio.

⁵O projeto chamado “Brasileira Iconográfica” reúne em um mesmo portal desenhos, pinturas, impressos e gravuras referentes ao Brasil, datadas do século XVI até as primeiras décadas do século XX. É um importante acervo para os professores pesquisarem obras das artes visuais sobre o tema. Para acessar o site: brasilianaiconografica.art.br/obras/@relld/19862. Acesso em: 28 jul. 2025.

⁶Para conhecer as obras desses dois artistas visuais, ver os seguintes sites: bit.ly/46BFD5m e bit.ly/4motHsk. Acesso em: 28 jul. 2025.

Considerações finais

A partir da leitura de um livro sugerido na Formação Continuada da Rede Municipal de João Pessoa, pudemos criar atividades que enriqueceram e ampliaram a experiência cultural dos alunos. As atividades realizadas não requereram grandes aparatos ou recursos didáticos que não estivessem disponíveis em outras escolas públicas, o que nos mostra que, por meio de propostas simples, pode-se também conseguir vivências pedagogicamente ricas. O uso da fala como recurso para a aprendizagem musical, a vivência rítmica da percussão corporal, a criação de um dicionário ilustrado, são apenas alguns dos caminhos possíveis para se trabalhar um tema tão importante para a construção da identidade de nosso povo.

Ao compartilhar as reflexões sobre essa experiência, esperamos poder contribuir para que outras muitas ideias surjam a partir dessas. Vemos com muita clareza, por exemplo, conexões com a área de história (uma pesquisa sobre a Língua Geral presente no Brasil Colônia) e ciências (estudos sobre os animais citados pelo dicionário e seus habitats). Esperamos que, assim como nos foi plantada a centelha no momento da Formação Continuada da Rede Municipal pessoense, possamos também contribuir para que outras experiências de boas práticas de ensino-aprendizagem se fortaleçam.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer aos alunos que participaram desse momento especial.

Referências

BONA, Melita. Carl Orff: um compositor em cena. *In*: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Ibpx, 2011. p. 125-156.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. **Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação**

nacional, referente ao ensino da arte. Diário Oficial da União, seção 1, Brasília, DF, p. 1, 3 maio 2016.

CANEN, Ana; XAVIER, Giseli Pereli de Moura. Formação continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 48, p. 749–767, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/qfNQJ3GxNDJTwG5kbXZw8Rs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2025.

FONTEIRADA, Marta. **Tramas a fio: memória, educação e música**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

FRAGATA, Cláudio. **O tupi que você fala**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2008.

JOÃO PESSOA. Secretaria de Educação e Cultura. **Matriz Curricular Anos Iniciais Arte**. João Pessoa: Prefeitura Municipal de João Pessoa, 2024.

JOÃO PESSOA. Conselho Municipal de Educação. Resolução nº 009/2006. **Implantação do ensino de artes em todas as séries e modalidades nos níveis infantil e fundamental no município de João Pessoa**. João Pessoa: Prefeitura, 2006.

MATEIRO, Teresa. Jonh Paynter: A música criativa nas escolas. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (org.). **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Ibpx, 2011. p. 125-156.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PENNA, Maura; SOBREIRA, Silvia. A formação universitária do músico: a persistência do modelo de ensino conservatorial. **OPUS**, [s.l.], v. 26, n. 3, p. 1-25, dez. 2020. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2020c2611>. Acesso em: 27 jul. 2022.

Sobre os Autores e Autoras

Olga Alves de Oliveira. Doutora em Música (Educação Musical) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Música (Educação Musical) e graduada em Música Licenciatura (habilitação flauta transversal) pela Universidade Federal da Paraíba. Professora de Música da rede pública municipal e estadual na Paraíba.

Nadja Mendonça Lyra Santos. Graduada em Educação Artística com habilitação em Música pela Universidade Federal da Paraíba. Professora de Música da rede municipal de ensino na Escola Municipal Quilombola Professora Antônia do Socorro.